

Reflexões sobre Ensino Remoto, Inteligência artificial e o uso de tecnologias no ensino básico: a experiência da rádio IFPR-Paranaguá

Reflections about Remote Teaching, Artificial Intelligence and the use of technologies in basic education: the experience of the IFPR-Paranaguá radio station.

Kauê Avanzi¹

Resumo: O texto que segue busca refletir os rumos das atuais reformas educacionais de cunho neoliberal implementadas pelo Estado brasileiro no cotidiano escolar de estudantes de Escola públicas, assim como apresentar um esboço de contra-proposta à partir de uso dialógico da tecnologia em sala de aula, trabalhadas à partir da teoria educacional crítica (FREIRE, 1996; 2014; HOOKS, 2013; PISTRAC, 2014; 2015; CALDART, 2012; RIBEIRO, 2013). Para tal, pretende-se percorrer as implicações das atuais de políticas de ensino remoto em escolas públicas da rede estadual do Paraná, assim como sua produção teórica e concepções pedagógicas implícitas no sentido de consolidar uma determinada concepção ideológica dominante (MARX, 1988) Meu intento é denunciar o caminho posto pelo estado brasileiro, em especial após a adoção de sistemas remotos de ensino em escolas públicas do âmbito municipal, estadual e federal, ressaltando a importância, para jovens de periferia, de uma educação pública, laica, de qualidade e popular como forma de apresentar referências contra-hegemônicas (MONASTA, 2014) no processo de ensino-aprendizagem. A experiência da Rádio IFPR-Paranaguá, em atividade entre os anos de 2019 e 2020, e com programas produzidos em formato de rádio digital produzidos por professores e estudantes se coloca como um caminho que aponta em outra direção, em que o processo educativo ocorre na relação educador-educando mediada pela tecnologia, e não conduzidos por ela. Por fim, aponta-se reflexões que nos permitem pensar em nosso fazer diário como educadores, em tempos em que o sucateamento e a privatização educação pública são escamoteados com o véu tecnológico de plataformas e aplicativos educativos.

Palavras-chave: Educação Popular. Tecnologias em educação. Políticas educacionais. Subjetividade.

Abstract: This text reflect about the directions of the current neoliberal educational reforms implemented by the Brazilian State in the daily school life of public school students, as well as to present a counter-proposal from the dialogical use of technology in the classroom, based on critical educational theory (FREIRE, 1996; 2014; HOOKS, 2013; PISTRAC, 2014; 2015; CALDART, 2012; RIBEIRO, 2013).

So it is intended to go through the implications of the current policies of remote teaching in public schools in the state network of Paraná, as well as their theoretical production and pedagogical conceptions implicit in the sense of consolidating a certain dominant ideological conception (MARX, 1988) My intention is to denounce the path taken by the Brazilian state, especially after the adoption of remote teaching systems in public schools at the municipal, state and federal levels, emphasizing the importance, for young people from the periphery, of a public, secular, quality and popular education as a way of presenting counter-hegemonic

1 Doutorando em Geografia Humana pelo PPGH/FFLCH-USP, Professor de Geografia na rede estadual paranaense, educador popular, poeta e músico. Contato: kaue.av@gmail.com.

references (MONASTA, 2014) in the teaching-learning process. The experience of Rádio IFPR-Paranaguá, active between the years 2019 and 2020, and with programs produced in digital radio format produced by teachers and students, stands as a path that points in another direction, in which the educational process takes place in the educator-student relationship mediated by technology, and not driven by it. Finally, reflections are pointed out that allow us to think about our daily work as educators, in times when the scrapping and privatization of public education are concealed with the technological veil of educational platforms and apps.

Keywords: Popular Education. Technologies in education. Educational policies. Subjectivity.

1. O educador obsoleto: a escola, o trabalho, a tecnologia e a formação da subjetividade liberal

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade.

Alber Einstein – Como vejo o mundo.

O momento da criação é sempre algo profundamente significativo ao ser humano. Algo de novo surge desta singular e contraditória relação entre criador e criatura, entre sujeito e objeto. Podemos afirmar, com certa dose de certeza, que no mundo moderno o trabalho é, por excelência, o meio pelo qual o criador constitui a criatura. Logo, o ser humano que, através de seu trabalho, transforma uma forma dita “natural” em algo que lhe útil de alguma maneira está, simultaneamente, sendo transformado por esta (MARX, 2013). A natureza e o ser humano são transformados no desenvolvimento da forma mercadoria, mas nunca se separam plenamente (SEABRA, 1996).

O trabalho se constitui no fato de tornar útil um elemento da natureza para que este sirva para o próprio desenvolvimento daquele que, a princípio, trabalha. É uma relação contraditória e dependente, no sentido em que a pessoa que trabalha (o sujeito) só o faz na medida em que há algo a ser trabalhado (objeto). Desenvolvendo as potencialidades de determinado

elemento, transformando um pedaço de pedra em martelo, por exemplo, o humano desenvolve uma nova ferramenta, acrescentando-lhe algo, na mesma medida em que esta ferramenta lhe potencializa os trabalhos posteriores. A cena inicial do filme *2001, Uma Odisséia no Espaço*, de Stanley Kubrick (1968), onde hominídeos passam a se utilizar de pedaços de ossos como ferramenta e como arma para dominar territórios e conseguir mais comida é uma alegoria potente de como este processo se constituiu na história humana. Mas vivemos, neste momento, um novo gênesis.

Vou ao banco. Não precisei sair de casa para fazê-lo. Por um aplicativo de celular pude realizar todas as tarefas que necessitava, sem precisar recorrer a filas, encontros com funcionários. Sequer precisei me deslocar do sofá de minha casa. Pensando ao nível da superfície, tornar mais simples esta tarefa me poupou um bom pedaço do meu dia, o qual pude me ocupar de outras coisas, entre elas escrever este texto que você, leitor, sem necessidade alguma de ir à banca de jornal ou qualquer outro estabelecimento comercial, pode ver da tela de seu celular ou computador. Esta, e outras tecnologias agilizam, poupam tempo no nosso cotidiano, tornam a vida mais ágil e econômica. Mas isso, mais uma vez, se observarmos este fenômeno de maneira meramente superficial.

A automação e a inteligência artificial colocam novas questões para o nosso tempo, trazem uma reinvenção do cotidiano que atinge, inevitavelmente também os ambientes educativos. O estudo intitulado *O futuro do Emprego no Brasil: estimando o impacto da automação*, finalizado em 2020 pelo Laboratório do Futuro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos mostra uma possibilidade de futuro que é bastante assustadora se pensarmos a atual condução das políticas públicas de cunho neoliberal, individualizantes e privatizantes que nosso país tem tomado para si. Segundo ele, 60% dos empregos formais do Brasil estão em alto risco de extinção por sua substituição por inovações técnicas nos próximos 20 anos, sendo este índice de 68% para

aqueles que não completaram o ensino superior, e de 37% para aqueles que completaram (LABORATÓRIO DO FUTURO, 2020). Ou seja, se voltarmos a pensar na minha ida ao banco, ou na sua leitura deste texto, o aplicativo de celular que utilizei eliminou o emprego de um grande número de bancários. Só em 2019 foram 9 463 demissões no setor com reduções salariais de até 36% para aqueles que permanecem trabalhando, segundo o CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) do IBGE, apesar dos recordes seguidos de lucros o setor bancário, que cresceram 18% em 2019 (G1, em 13/02/2020). Por outro lado, ao ler este texto em seu celular ou computador você deixa de ir a banca de jornal e gerar renda e emprego para o (nem sempre) simpático vendedor de jornais, já que temos um encolhimento de 17% dos empregos neste setor, isso sem citar a quebra que vivemos recentemente no mercado editorial (REINO; VAZ, em 29/09/2019), com seis anos seguidos de retração.

Agora, imagine os impactos de tal processo quando falamos em educação. Aqui, não se trata somente da também grave substituição de trabalhadores por sistemas de inteligência artificial, conforme já víamos ocorrer a passos largos no ensino privado superior, como nos ilustra o didático caso das universidades do grupo Laureate (FMU e Anhembí Morumbi), onde robôs realizavam as correções de provas e trabalhos dos cursos EAD com base em reconhecimento de palavras-chave²; ou as mais de 3 mil demissões do grupo Estácio em 2019. Um dano mais profundo e ainda pouco avaliado diz respeito à formação que nossos jovens e profissionais vão receber.

O processo de produção do conhecimento diz respeito à forma como nos realizamos e nos reproduzimos enquanto humanidade. Roseli Salete Caldart, em seu livro *A Pedagogia do Movimento Sem Terra* (2012), expressa a seguinte consideração sobre o processo de ensino-aprendizagem:

“(...) ao tratarmos de processos ou de práticas educativas, seja

² <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/05/faculdades-da-laureate-substituem-professores-por-robo-sem-que-alunos-saibam.shtml>

em um sentido mais amplo, ou no sentido mais restrito da educação escolar, estamos no âmbito da questão de como a humanidade se faz a si mesma, em cada lugar, em cada tempo histórico. Estamos discutindo o ser humano e como é possível conformá-la a um determinado modo de ser no mundo” (p. 84) (...) “não há como compreender a educação sem compreender seus determinantes estruturais, especialmente ligados ao modo através do qual uma sociedade organiza a produção e a reprodução de suas condições materiais de existência. (CALDART, 2012. p. 88)

Estamos portanto, em um debate não só sobre as condições de vida e de sobrevivência de um grande número de profissionais da educação que exercem, hoje, suas funções em escolas e universidades, mas também de uma determinada subjetividade a ser construída à partir de uma determinada mudança tecnológica (FARIA, 2014). Pensemos em crianças e jovens, tendo seu processo de formação intelectual e seus valores sociais sendo desenvolvidos através de telas de computadores, tablets e celulares. Perde-se, com isso, o componente social da aprendizagem, o convívio com o outro, o diferente, perde-se a oportunidade de aprendizado com a criação de laços e vínculos, tão caros à formação que se quer realmente efetiva e transformadora.

A pandemia de Coronavírus que assolou o mundo inteiro, abalando o mundo da saúde e do trabalho, provocou a aceleração do processo de entrada das tecnologias de comunicação nas escolas públicas e particulares. Ferramentas como Google Meet, Zoom, e plataformas digitais de produção de vídeos e conteúdos digitais tornaram o papel de estudantes ainda mais passivo, já que na maioria dos casos estes ficavam restritos ao ambiente doméstico, ouvindo ou assistindo aulas expositivas de professores que se desdobravam para realizar seu trabalho com alguma qualidade em um ambiente extremamente adverso.

O retorno das atividades presenciais nas escolas não cessou, mas trouxe formas contraditórias de usos da tecnologia da educação. A privatização do ensino médio-técnico na rede estadual paranaense, concedida ao grupo UNICESUMAR é uma face didática deste processo neoliberalizante.

Estudantes dos cursos técnicos supervisionados por um tutor assistem, em uma televisão, uma aula dada por um professor que, remotamente, atende diversas turmas em um município ou região. Tal forma de educar tem causado diversas manifestações de estudantes em todo o estado, exigindo que professores os atendam presencialmente (APP Sindicato em 14/03/2022).

A implementação da Base Nacional Curricular Comum é uma outra face deste processo de formação da subjetividade neoliberal em sala de aula. Baseada na pedagogia das Competências e Habilidades, proposta pelo economista Jacques Delors, este projeto busca a formação de uma força de trabalho mais coesa e flexível, onde os trabalhadores formados por esta concepção estariam aptos a se adaptar com facilidade a diferentes profissões e atividades profissionais, com ênfase no desenvolvimento de competências como as de “eficiência social” e a “competência gerencial” (FARIA, 2014).

Para além disso a imposição de currículo e concepções pedagógicas sem diálogo com os educadores, conforme podemos ver com a imposição do uso das plataformas *LRCO*, *Inglês Paraná* e *Redação Paraná*, que já vem com aulas prontas que devem ser “executadas” pelos professores da rede estadual paranaense classificando as escolas em um *ranking* de uso das plataformas que *premia* as mais assíduas e cobra resultados das mais ausentes (Imagem 1). Incorre-se assim uma grave afronta à autonomia docente, já que fere artigo 206 da Constituição Federal, que propõe no parágrafo III que o ensino deve basear-se no “*pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (...).*” (BRASIL, 1988) e na Lei de Diretrizes e Bases, onde se coloca no Artigo 3º, nos parágrafos II e III que diz que o ensino será ministrado de acordo com os princípios da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; e do pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas (BRASIL, 1996), direitos conquistados após muita luta e sangue no processo de redemocratização pós ditadura civil-militar no Brasil.

EDUTECH

Semana 25 – 24/07 a 30/07

Escola	Matriculas	Indice Exer. Real	Alunos Ativo	(%)	Exercícios Realiza	(%) Acertos
MARIA H. CASSELLI	41	8,902	16	39,0%	365	96,4%
ANGELO TREVISAN	90	7,244	14	15,6%	652	82,2%
COLBACCHINI	164	2,220	34	20,7%	364	90,4%
ANGELO VOLPATO	231	1,909	37	16,0%	441	92,7%
HELENA DIONYSIO	103	1,893	10	9,7%	195	91,3%
MANOEL A GUIMARAES	47	0,553	1	2,1%	26	96,2%
SILVESTRE KANDORA	74	0,405	2	2,7%	30	96,7%
DOMINGOS ZANLORENZI	79	0,076	2	2,5%	6	100,0%
FRANCISCO ZARDO	194					
GUIDO STRAUBE	26					
OLAVO DEL CLARO	78					
PINHEIRO DO PARANA	80					
SANTA FELICIDADE	99					
SAO BRAZ	109					

Imagem 1: Ranking de uso, pelas escolas do Setor Santa Felicidade-Curitiba, da plataforma digital Edutech, compartilhado em grupos de WhatsApp de professores referente ao período de 24/07 a 30/07/2022.

Os grupos privados que fazem das plataformas de ensino à distância seu negócio já vinham rondando as redes públicas como fatia de mercado já a alguns anos, vide que as escolas públicas abrigam a maior parte dos estudantes do país e, ainda, tendem a receber os filhos da classe média que viu sua condição econômica piorar no que sobra do Brasil após a crise institucional, política, econômica, social e sanitária que vivemos. Temos a situação perfeita para que estes grupos assumam, com vistas ao seu lucro individual (objetivo de toda empresa privada), ao menos em parte os sistemas educativos, agravando as desigualdades sócio-econômicas e, ainda, conformando a subjetividade do que Henri Lefebvre chamaria em seu livro *Posição contra os Tecnoctatas* (1969) de Ciberantropo, alegoria do perfil de humano totalmente passivo e colonizado em sua subjetividade, aquele que:

“(…) se define pela estabilidade. Não tem, de modo algum, o aspecto de um autômato, no sentido caduco de um mecanismo. Não é rígido mas sim, pelo contrario, flexível, de uma flexibilidade controlada. É descontraído. Ri pouco mas sorri quase sempre. Se surpreende falando mais alto que a média, logo se censura por isso e retoma uma voz bem colocada, neutra e sem timbre. Em

compensação, seus olhos são ágeis. Ele capta a informação. Vejam-no ao volante: quinze bilhões de partículas de passagem recepcionadas a cada cem quilômetros, e quinze mil micro-decisões com o mais estranho sorriso e desenvoltura. Descontraído ao comunicar, ao discorrer, mas não ao pensar.” (LEFEBVRE, 1969. p. 187)

Esta subjetividade flexível e programada é o que faz com que norte-americanos e sul-coreanos tenham uma formação técnica e matemática bastante eficientes mas um nível baixíssimo de compreensão social crítica (LEFF, 2007), conformando sociedades que desenvolvem seus valores sempre no nível de indivíduos e famílias, nunca de comunidades. Com esta concepção, a noção de empatia morre por abandono. Além dos investimentos reduzidos por parte do Estado em educação pública, deixando que o espírito empreendedor seja o responsável por oferecer educação, no olhar do “mercado”, de “qualidade”.

Professores vêem eliminadas de seu cotidiano a liberdade de escolha do conteúdo e dos métodos a serem trabalhados por este, empobrecendo e desvalorizando o seu ato pedagógico. É evidente que existe uma política de uma formação massiva de profissionais com baixa qualificação, atendendo as demandas do mercado de trabalho, criando assim um exército de profissionais efêmeros formados à partir da escola, que vão para a sociedade incapazes de fazerem sua próprias leituras de mundo, e destituídos de uma ideologia própria, e que tendem a acatar a ideologia dos meios de comunicação dominantes. O ensino remoto como resposta para o isolamento necessário diante da pandemia e seu prolongamento após o retorno as atividades presenciais somente reforçam e aprofundam tal processo.

Há aqui uma inversão lógica entre criatura e criador neste ponto. É como se Deus, tendo supostamente criado a humanidade, passasse a ser dominado e oprimido por esta. Esta forma de consciência, que chamamos de *fetichismo* (MARX, 2013), se constitui na forma romântica de tornar absolutas relações sociais historicamente constituídas, perdendo o lastro histórico que as

constituiu, naturalizando-as, como se existissem desde sempre, não havendo qualquer alternativa ao mundo existente. Deste modo a automação e a inteligência artificial, criadas por nós humanos, se tornam absolutas, inquestionáveis, regulam vidas e relações, formas de ver e de pensar; as formas espaciais. A técnica tornou-se nossa rainha soberana, que reina sobre a vida e sobre a morte. O evangelho de que estas técnicas são neutras e eficientes precisa ser desmontado, ou isso acarretará em profundas mudanças na forma como nós humanos nos relacionamos uns com os outros e com a natureza. Este texto, no entanto, não faz uma demonização da tecnologia em ambientes educativos. Lembremos que HAL 9000, do filme de Kubrik acima citado, nunca foi somente uma inovação técnica. Trata-se de propor um novo uso, que dialogue com as experiências e vivências de educadores e educandos. Propomos um uso popular e emancipador da tecnologia na educação, e o exemplo da Rádio IFPR Paranaguá, que funcionou entre os anos de 2019 e 2020 no Instituto Federal do Paraná Campus Paranaguá pode ser didático neste sentido.

2. Rádio digital, tecnologia e comunicação digital no ensino básico: tensionando o cotidiano escolar

Ouvir redes de comunicação noticiar o fato de entidades estatais e de capital privado coletar dados da população para venda ou uso em políticas público-privadas já não é mais um assunto fora da esfera de conhecimento geral (SCHILER, 2014). Os recentes vazamentos de espionagem envolvendo desde presidentes de países até cidadãos comuns pela rede Wikileaks, entre outros ativistas da comunicação tomaram, em maior ou menor proporção, os canais midiáticos de todo o planeta. Hoje, mais do que nunca, os meios de comunicação, incluindo aqui a internet e os aplicativos de telefones celulares (Youtube, TikTok, etc.), cumprem um papel central no avanço de um projeto de

globalização, perpetuando e impondo processos subjetivos e objetivos em diversas escalas geográficas, sobrepondo territorialidades e impossibilitando ou minimizando sujeitos e grupos historicamente marginalizados de expressarem sua voz em relação sua própria condição.

Ao pensar na comunicação humana, várias escalas se sobrepõem e interagem entre si. A escala da voz, do gesto, do microfone, do rádio, da TV, da internet, da Rede Globo, da Reuters, da BBC estão sobrepostas, influenciando/rejeitando uma e outra de maneira descompassada, contínua e contraditória. Pensando em tal contexto, me perguntava como propor uma comunicação livre, que dê conta de expressar toda esta diversidade social parnanguara no trabalho docente no Instituto Federal-Campus Paranaguá?

Hoje, se pensarmos em escala global, algumas – poucas – grandes empresas controlam a comunicação de massa em todo o mundo, impondo comportamentos, esteriótipos e opções políticas. Famílias inteiras recebem, praticamente ao mesmo tempo, as notícias emitidas pelo aparelho de televisão, pelo WhatsApp. São notícias que, no geral, partem de uma visão limitada do Espaço, uma visão que se coloca acima de qualquer questionamento, como a única verdadeira, neutra, inabalável.

Pensando no estudantes do Instituto Federal do Paraná, no Bairro do Porto Seguro, onde estes veem a representação de seu cotidiano nas grandes redes de informação e entretenimento? Será que eles se sentem representados nas novelas? E nos programas voltados para os jovens? Será que o perfil escolar da série “Malhação”, da Rede Globo, corresponde a estes educandos? Mesmo a maior parte dos estudantes do Brasil? Certamente não. A exclusão social que grande parte da humanidade vive corresponde necessariamente à busca da maior parte da população, aí incluindo grande parte de nossos educandos, por um padrão de normalidade que é homem, adulto, macho, branco, cidadão e consumista. Apesar de a maior parte das pessoas não se encaixarem neste padrão, a maioria delas é levada a buscá-lo

como referência para si e para suas famílias. É óbvio que este padrão em geral não é atingido, mesmo que estes jovens passem a reprimir tudo o que são, seus potenciais e diferenciais para atingi-lo. A força que a comunicação hegemônica (MONASTA, 2010) tem sobre a subjetividade de crianças, jovens e adultos em todo o mundo é, no mínimo, avassaladora e isso se agrava intensamente em tempos de pandemia e isolamento social. Nikolas Rose pensa a questão da seguinte maneira:

As relações entre o poder e a subjetividade não estão, nessa perspectiva, confinadas às relações de constrangimento ou de repressão da liberdade do indivíduo. Na verdade, as características distintivas do conhecimento e da expertise modernas da psique têm a ver com seu papel na estimulação da subjetividade, promovendo a auto-inspeção e a autoconsciência, moldando desejos, buscando maximizar as capacidades intelectuais. Elas são fundamentais para a produção de indivíduos que estejam "livres para escolher", cujas vidas se tornam válidas na medida em que estão imbuídos com sentimentos subjetivos de significativo prazer." (MEYER, Apud ROSE, 1986)

Neste sentido, podemos pensar que apesar de uma aparente escolha de identidade que o educando tem para si mesmo, resta muito pouco enquanto identidade legitimada pelos outros. Ele deve ser masculino, branco, consumista, etc. Todo o resto é um preconceito tão difundido nas escolas e encoberto atrás da palavra estrangeira *bullyng*. Àqueles que não se encaixam no esteriótipo de juventude imposto pela mídia – por ser alto demais, baixo demais, muito gordo ou muito magro, etc. – resta, mesmo que de maneira atenuada, alguma forma de exclusão.

Mas a partir da compreensão dos meios de comunicação como técnica e de suas relações com o território (LEFEBVRE, 1969; SANTOS, 1994, 2006), a formação, expansão das cidades entre outros fenômenos sociais, entendemos que as redes comunicacionais tiveram o papel de levar informação e entretenimento a milhões domicílios, algo impensado dois séculos atrás. Para Milton Santos (2012) os espaços podem ser requalificados, resignificados, atendendo sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia,

da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. A técnica é a cara geográfica da globalização, e tende a ser universalizante.

No contexto de ressignificação de territórios é hoje possível desenvolver, mesmo que em pequena escala, um espaço comunicacional onde jovens podem expressar sua voz e ser ouvidos por seus colegas, parceiros, professores e equipe escolar? A escola contemporânea, assim como toda nossa sociedade, escuta muito pouco do que nossos jovens tem a dizer sobre sua realidade, sua condição. Neste período de grandes transformações que é a adolescência, muitos jovens têm podado o melhor de si. Há toda uma sociedade trabalhando nesta castração intelectual e criativa de crianças, ainda mais se tratando das classes economicamente menos favorecidas.

Neste sentido, buscando dialogar sobre as diversas formas de expressão da voz humana possíveis, porque não construir uma rádio digital³ na escola, onde são apresentados desde programas de entretenimento até mesmo discussões de sala de aula ou trabalhos escolares?

Entendemos que o processo pedagógico, mais do que a mera assimilação de conteúdos, é um processo de desenvolvimento humano onde a compreensão de mundo se expande a fim de eliminar a efetivação simplista de discursos e práticas sociais que diz a estes jovens todos os dias que “bandido bom é bandido morto”, ou propõem a “redução da maioria penal” de maneira irresponsável, violenta e abusiva em horário nobre. Mas para que educandos consigam rever sua prática social, para que saia da condição de sujeito-sujeitado e se torne sujeito-sujeito ele necessariamente precisa se confrontar, se comunicar com o outro, eles precisam se contradizer (FREIRE, 1985). Mas para que tudo isso aconteça estudantes precisam ter voz. E se não falam, também não ouvem.

A aprendizagem pode ser pensada sempre como um pequeno e

3 Optei pelo termo rádio digital ao invés do estrangeirismo de *podcast*.

medroso passo diante do desconhecido. Acontece que no processo educativo⁴, em especial quando se trata dos pobres, a voz é calada desde cedo. Não fomos educados a contestar, a debater ou criar caminhos novos, e sim treinados para aceitar a palavra alheia, a do formador de opinião, a da autoridade. Crescemos desenvolvendo o medo de dar o passo adiante na aprendizagem, o medo de ter opinião própria. Quantos jovens de periferia tem hoje tem o poder de fazer sua voz valer frente as injustiças cotidianas em sua vida? Eles não tem voz, não aprenderam a usá-la pois foram educados a permanecer como espectadores de seus professores em sala de aula.

Quando o espaço escolar se torna um espaço de exercício da voz, um espaço de debate, formação e transformação, onde sua voz é emitida, ouvida e entra em conflito com outras vozes e enunciados ocorre a soma de perspectivas que cada educando tem a respeito de sua própria vida surge um lugar onde todos crescem e se transformam no processo. Neste sentido, uma rádio estruturada e organizada com/pelos educandos se torna uma ferramenta de debate e exercício da voz humana, desenvolvendo o respeito às diferenças e o aprendizado coletivo durante o isolamento social.

3. A Radio IFPR-Paranaguá

Um microfone, celulares e transmissão de internet bastam para uma rádio virtual escolar. Basta um conhecimento técnico mínimo pra ver, aqui e agora, sua voz amplificada para todos os seus colegas. Mas os estudantes não vão de boa vontade passar a utilizar de maneira democrática aquele espaço. De início, pode ser até que eles estranhem, rejeitem e até abandonem toda a estrutura. Isso porque para além de ter o equipamento técnico disponível, é necessário que a equipe escolar esteja engajada no sentido de compreender

4 Entendo que o processo educativo é um processo transcendente ao espaço escolar, no sentido de que os laços familiares, a presença de amigos, conflitos e influências também fazem parte do processo de ensino-aprendizagem humano do qual não podemos nos furtar em qualquer análise. Já dizia Paracelso: *“A aprendizagem é a nossa própria vida desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender.”*

que as próprias formas de uso do espaço praticadas pelos educandos fazem também parte do processo de aprendizagem. Neste sentido, como equipe, a escola deve estar engajada na viabilização do projeto, e não imaginar que os educandos vão utilizar o espaço e fazer debates riquíssimos de maneira autônoma. Se nós, educadores, não fomos educados desde a infância neste sentido, o que esperar de um jovem com 15, 20, 30 anos a menos de idade? É necessário que eles sejam estimulados a debater, a levantar questões, a entender as potencialidades da própria voz. Os professores precisam estar coletivamente e dentro de suas especificidades disciplinares, envolvidos.

Em primeiro lugar, é notável que todos os educandos possuem conhecimentos elaborados em vários níveis de acordo com o contexto social em que cada um se desenvolveu. Nem todas as crianças se expressam bem pela escrita, mas desenharam muito bem, ou dançaram, ou tocaram algum instrumento.

A escola privilegia, em demasia, a expressão escrita, fazendo com que aqueles que logo de cara possuem dificuldades com essa forma – por motivos variados, como falta de costume em leitura na família, por exemplo – sintam-se frustrados por não conseguirem expressar o que conhecem por aquela linguagem, desinteressando-se pela aprendizagem e revoltando-se consigo mesmos por sentirem-se incapazes. Não é à toa que muitos deles tenham uma auto-estima baixa, referindo-se a si mesmos como “burros”, “fracos”, ou “lentos”. Tornar, por exemplo, a rádio da escola um mecanismo de avaliação, para além de estimular debates, pode tornar interessados pelo conhecimento estudantes que não se sentem estimulados pela escola ou universidade, uma vez que agora ela ou ele – não todos – consegue dar vazão a suas indagações frente ao conhecimento produzido entre os muros escolares, que em boa parte das escolas mais parecem querer prender pela força do que atrair os jovens pelo prazer do (auto)conhecimento.

Em segundo lugar, como exposto anteriormente, os muros da escola

são muitas vezes um entrave a este desenvolvimento da voz autônoma. Os vínculos com a comunidade do entorno escolar do qual os educandos também fazem parte são essenciais. Uma vez que questões do bairro, da região, da comunidade são tratadas há a criação de um vínculo entre a escola e a população local fortalecendo os laços entre os educandos e seu bairro, e desenvolvendo neles o sentimento de participação de empoderamento muito maior do que a experiência passiva de uma telenovela. Por isso é fundamental que os programas de rádio digital gravados pelos estudantes sejam disponibilizados de maneira pública, para que pessoas de dentro e de fora da comunidade escolar possam acompanhar e propor os debates.

Tendo em vista que o conhecimento como totalidade pode ser acessado à partir das disciplinas específicas, Damiani (2013) pensa a produção do conhecimento da seguinte maneira:

Lidamos hoje com fenômenos totais, globais, que envolvem mais de uma disciplina, transcendendo o campo de cada uma delas e, ao mesmo tempo, esse tratamento, exigido pela substância dos problemas a enfrentar, não se descobre na soma das mesmas, na chamada interdisciplinaridade. O concerto das disciplinas não se faz senão mantendo o terreno de cada uma em particular, a partir de seus pares supostos, utilizando sua terminologia. É preciso ir além, para compreender os fenômenos urbanos, os fenômenos espaciais. (Op. Cit. p. 61)

Assim, como exposto pela autora, não basta remendar as disciplinas, colocá-las a força dentro de um projeto que mantenha intactas suas fronteiras, tal como nos propõe a BNCC. É necessário ir além, trabalhando-as dentro de um contexto mais amplo que envolve o cotidiano dos educandos, suas vivências com a cidade, com o entorno escolar, com o território. Assim, cada disciplina, dentro de sua especificidade, contribui para a construção de um conhecimento total, não fragmentado e significativo para cada um destes jovens.

A voz, a comunicação e a tecnologia são temas transversais que tocam, atravessam e são atravessados por todas as disciplinas escolares: Matemática, Física, Química, História, Literatura, Geografia, Arte, Técnicas, etc. Algumas

etapas foram, portanto, necessárias ao projeto. São elas: sensibilização, empoderamento técnico e apropriação da voz:

3.1. Sensibilização

Questões disparadoras: O que é minha voz? Tenho o domínio dela? Qual é o poder que minha voz tem frente ao mundo? Existem outras vozes além da minha?

A voz é certamente uma das principais formas da comunicação humana. Pode aparecer na forma escrita, falada, ilustrada, através de uma intervenção artística...enfim, são muitas as formas aparentes de nossa voz. A Avaliações e projetos propostos pelos professores entram aqui, então, como a primeira articuladora, abrindo o debate a ser apropriado na produção do conteúdo dos programas produzidos pelos estudantes.

3.2. Empoderamento técnico

Questões disparadoras: Quais são as formas com as quais posso amplificar minha voz perante meus colegas? A tecnologia é minha amiga ou inimiga? Como posso aprender utilizando a tecnologia?

Nem todos os jovens tem o domínio técnico elaborado para amplificar sua voz, seja na forma de um jornal ou revista escolar, seja na forma de uma rádio digital. A tecnologia, apesar de acessível a muitos, não está sob o domínio de todos. Um conhecimento técnico básico sobre como caixas de som, microfones, câmeras aplicativos e gravadores de áudio funcionam pode criar um empoderamento tremendo dos jovens diante de sua própria voz.

3.3. Apropriação da voz

Questões disparadoras: Como fazer minha voz ser ouvida? Como organizar as ideias de maneira que os outros me compreendam? Quais as

formas nas quais posso expressar minha voz?

Aqui começamos a botar a mão na massa, fazer a rádio funcionar em toda sua intensidade. Através de programas criados e executados por educandos, educadores e colaboradores da escola botam sua voz no mundo, ou pelo menos na escola. Vozes são emitidas, contraditas, retrucadas e transformadas, gerando um debate crescente na comunidade escolar. Mas como fazer isso? Como ser compreendido? Agora a disciplinas de artes e ciências humanas ganham espaço junto a comunidade escolar articulando ideias, conceitos e práticas desenvolvidas dentro e fora da sala de aula com todas as outras disciplinas. E porque não um educador propor como forma de avaliação um programa na rádio, criado em grupos? As possibilidades de exploração de mais esta ferramenta pedagógica são infinitas, e o aprendizado ocorre com os erros e acertos obtidos no decorrer do processo pedagógico.

4. O projeto de extensão Aprendendo e ensinando nas ondas do rádio: Comunicando novas práticas e novas reflexões.

Os anos de 2020 e 2021 foram, certamente difíceis quando nos referimos ao ato de ensinar. Grande parte de nossos estudantes, nas escolas públicas de maneira geral e também no IFPR campus Paranaguá. Neste sentido, o fazer docente precisou se reinventar para este momento difícil para professores e estudantes. Grande parte deles não tem acesso a bons planos de dados ou computadores, fazendo com que o ato de assistir vídeos ou produzir textos se tornasse impossível em grande parte dos casos. Fora isso, tanto nós, educadores, quanto nossos alunos, encontram-se fragilizados emocionalmente e socialmente devido aos impactos da pandemia. Inicialmente a Rádio IFPR-Paranaguá tinha como objetivo ajudar a suprir parte desta demanda, utilizando ferramentas de áudio como formas de produção de conhecimento e avaliação. Diria que este objetivo foi atingido satisfatoriamente, só que o que o projeto conseguiu fazer foi além disso.

A Rádio foi hospedada na plataforma digital e pública @eduplay, onde é possível criar canais para hospedagem de áudio e de vídeo, assim como videoconferências ao vivo. Os logotipos foram criado por Paula Corrêa de Azevedo, e a identidade visual dos programas para divulgação nas redes sociais foram criados pelo aplicativo *Canva* por mim. Sendo assim, à partir de tutoriais em texto e vídeo disponibilizados aos estudantes para uso de programas de edição como o *Audacity* (para computadores) e *Anchor* (para celulares), os programas de rádio digital foram ao mesmo tempo ferramentas de ensino, avaliação e de divulgação científica.

Muitas disciplinas e pessoas foram envolvidas neste processo (Geografia, História, Filosofia e Sociologia), realizando trabalhos transdisciplinares em projetos integrados, onde os temas trabalhados nas disciplinas e os materiais disponibilizados para consulta na internet foram disparadoras de discussões sobre temas que os estudantes despertavam o interesse durante as aulas síncronas. Neste sentido cabe a reflexão posta por Damiani:

Lidamos hoje com fenômenos totais, globais, que envolvem mais de uma disciplina, transcendendo o campo de cada uma delas e, ao mesmo tempo, esse tratamento, exigido pela substância dos problemas a enfrentar, não se descobre na soma das mesmas, na chamada interdisciplinaridade. O concerto das disciplinas não se faz senão mantendo o terreno de cada uma em particular, a partir de seus pares supostos, utilizando sua terminologia. É preciso ir além, para compreender os fenômenos urbanos, os fenômenos espaciais. (DAMIANI, 2013 p. 53)

Assim, a Rádio IFPR-Paranaguá se colocou como um instrumento pedagógico importante, já que pôs diferentes disciplinas a conversar, dialogar e se colocar diante de problemas reais vividos por estudantes e professores (PISTRAK, 2015). Foi possível, através de conhecimentos espontâneos (VYGOTSKI, 1992) dos educandos (filmes, livros, novelas, *reality shows*, problemas urbanos, entre outros) desenvolver um conhecimento científico (Op.

Cit) a partir destes, dando origem aos 85 programas feitos por professores, que realizavam a produção de conteúdo e a divulgação científica de suas disciplinas; e por estudantes, na forma de avaliação para disciplinas do Regime Didático Emergencial (RDE) e das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNP), com a programação completa disponível em: <https://eduplay.rnp.br/portal/channel/78710>

Os programas se dividiram entre aqueles que possuem grade fixa, que ocorriam quinzenalmente, como o *Música e etc.*, organizado e editado pelo professor Kauê Avanzi (IFPR); *Deixa que eu conto* e *Só sei que foi assim*, pela professora Rosana de Fátima Jammal Padilha (IFPR); e o *Taverna do Nicolau*, Organizado pelo professor Marcos Vinicius Pansardi (IFPR), com as participações de Kauê Avanzi (IFPR), Mary Sylvia Miguel Falcão (UNESPAR), Cleber Lopes (UEL), Gustavo Biassoli (UNIOESTE), Antônio Marcio Haliski (IFPR), Alexandro Eugênio Pereira (UFPR), e Rodrigo Horochovski (UFPR), além do trabalho de acessoria técnica prestado pelos estudantes Aline Bora Sieczko (IFPR), Laís Miguel (UFPR-Litoral), Paloma Luci Tiliake (UNESPAR), e Tomás Falcão (IFPR) e editado por Kauê Avanzi (IFPR). Outros programas foram criados individualmente ou em grupos por estudantes para avaliações nas disciplinas de Geografia, Filosofia, História e Sociologia no Ensino Médio Integrado aos Técnicos de Mecânica e Informática, nas turmas Informática-2018, Mecânica-2019, Mecânica-2018 e Mecânica-2017, além das turmas de licenciatura das disciplinas de Sociedade e Ambiente e Geografia da População, ministradas por Kauê Avanzi; e História do Brasil Contemporâneo, ministrada pelo professor Fábio Luciano Iachtechn.

No total calculado até o dia 16 de Junho de 2021, a Rádio IFPR-Paranaguá obteve 35.099 acessos, segundo relatório da plataforma @eduplay, onde a Rádio está hospedada na forma de podcast (imagem 2). Este é um número bastante expressivo se formos analisar o tamanho da comunidade discente e seu perfil de conectividade.

Meu conteúdo [Todos](#) [Ao Vivo](#) [Vídeos](#) [Áudio](#) [Playlist](#) [Podcast](#) [Canal](#)

Ações em massa ▾ 1 Publicações


<input type="checkbox"/>	Todos	Título	Visibilidade	Publicação ▾	Reproduções	Curtidas	Stat
<input type="checkbox"/>		Rádio IFPR-Paranaguá PODCAST 85 EPISÓDIOS	Público	Publicado há 10 meses	35099	24	A

Imagem 2: Relatório da Rádio IFPR-Paranaguá na plataforma @eduplay, disponível no link: <https://eduplay.rnp.br/publisher/mycontent?term=&order=3&status=&idOwner=&type=5>.

Os programas da rádio, em sua variedade de temas, qualidades e abordagens, abordaram temas como Direitos humanos, liberdades civis, democracia, violência urbana, violência doméstica, alimentação, gestão da água, entre tantos outros em debates que partiam das noções e conceitos trabalhados em sala de aula, para que os estudantes pudessem embasar seus posicionamentos e criar um debate em torno desta questão junto a seus colegas de turma. Por conta de a plataforma pública @eduplay permitir com que estudantes baixassem, sem grande consumo de dados por parte dos estudantes, foi possível permitir a estudantes sem conectividade adequada – e que por isso não conseguiam participar dos encontros síncronos via Google Meet – pudessem participar, dentro de suas possibilidades, das disciplinas em seu tempo próprio.

Aparentemente a Rádio teve mais penetração entre os estudantes do Ensino Médio Integrado que nos estudantes da Licenciatura em Ciências Sociais. Aqueles pareciam mais curiosos e interessados nesta ferramenta, já que utilizam mais as redes sociais, ouvem *Podcasts* em seu cotidiano com mais frequência e por possuírem maior familiaridade com instrumentos de gravação e edição de Áudio.

Na licenciatura a pouca familiaridade que os estudantes apresentavam

com ferramentas digitais (temos um público aqui com uma faixa etária bem mais elevada aqui, com grande parte de não-nativos digitais), mas acredito também que pelo fato de estarem pouco familiarizados com propostas didáticas mais lúdicas, apresentando diversas inseguranças em relação ao que dizem com receios vários, sendo o mais comum de serem taxados como incompetentes. Há aqui um elemento importante a se tratar como sintoma nesta fatia do público do IFPR, que muitas vezes é por nós entendida como homogênea ao pensarmos projetos pedagógicos. Na licenciatura em Ciências Sociais temos diversos estudantes com formação básica deficitária devido ao sucateamento que temos nas escolas públicas (de onde grande parte é proveniente) e a condições sociais próprias, como o fato de que estudantes trabalham e estudam com muito mais frequência que no Ensino Médio Integrado. Além disso, muitos estudantes relatam não receber retorno sobre suas avaliações, o que não lhes permite corrigir e melhorar. O sentimento de frustração é bem comum entre estes que estiveram, durante a pandemia bastante desanimados.

Por fim, a Rádio IFPR não foi capaz de resolver grande parte os problemas didáticos e pedagógicos vivenciados por nós durante a pandemia. Ela não chegou nem perto disso. Mas sua existência neste período viabilizou a nossa maior penetração entre os alunos, em especial aqueles mais vulneráveis em relação à acessibilidade digital. Além disso, em tempos em que a ciência vem sendo atacada e as teses obscurantistas tomam o discurso oficial, o papel que este projeto teve na divulgação científica do que é produzido no IFPR-Paranaguá foi inestimável, ultrapassando inclusive as barreiras de nosso Campus e cidade. Este projeto foi também uma análise institucional (LOURAU, 1988) e nos mostra a necessidade que os espaços públicos de educação de nível básico e superior apresentam de repensar as suas formas de comunicação com seus membros e com a comunidade (FREIRE, 1983).

5. Ser educador diante do abismo

“Eu tô explicando pra te confundir
Eu tô te confundindo que é pra te esclarecer
Tô iluminado pra poder cegar
tô ficando cego pra poder guiar.”

Tom Zé – Tô.

A profissão de educador exige de nós – que estamos em relação e somos, de alguma forma, referência para centenas de seres humanos – uma dedicação de tempo e uma dedicação intelectual que está muito para além dos momentos que passamos dentro de sala de aula. Do preparo das aulas aos diversos momentos que passamos refletindo sobre como mobilizar esta ou aquela turma, muitas vezes deixamos de viver importantes momentos com nossas famílias, amigos, ou mesmo daquelas importantes horas de sono para nos dedicarmos ao processo de aprendizagem que envolve a nós e aos educandos. Educar exige de nós uma constante reflexão e revisão dos métodos pedagógicos e dos exercícios de reflexão que elaboramos em conjunto com outros jovens e adultos que partilham conosco deste processo.

Todos os dias, nos colocamos de frente com uma centena de vivências, experiências, traumas, nossos e dos educandos que se relacionam conosco, com os quais temos que lidar. Cada indivíduo possui uma experiência de vida distinta que rebate com toda sua carga na sala de aula, exigindo de nós uma leitura muito acurada da subjetividade de cada indivíduo para podermos trabalhar com alguma qualidade e resultado. Imagine uma criança a qual os pais são exímios leitores. Esta criança, que cresce rodeada por livros desde muito cedo e que vê circulando em seu cotidiano diversos leitores, tem uma chance muito grande de desenvolver facilidade e gosto precoce pelas letras, apresentando, muito provavelmente, uma facilidade com a escrita e a leitura.

Agora imagine uma outra criança, em que seus pais são adoradores de futebol, por exemplo, frequentando estádios, debatendo as mudanças na classificação dos campeonatos, ou ainda jogando e acompanhando pequenos clubes do bairro. É bastante coerente intuir que esta criança desenvolva um

gosto pelos esportes, adquirindo, muito provavelmente, alguma facilidade com atividades físicas, esportes e nos debates a respeito do tema.

Em sala de aula temos presentes estas duas possibilidades e uma infinidade de outras frequentando, todos os dias, o mesmo espaço. No Brasil, como na maioria dos países do mundo hoje, a educação básica é obrigatória, o que faz com que muitas crianças e jovens vão à escola mesmo que sem motivação ou vontade própria de fazê-lo. Elas talvez prefiram estar na rua, jogando bola com os amigos, brincando de videogame, ou mesmo lendo uma história em quadrinhos qualquer. Apesar destas diferentes vontades, são colocadas todas – obrigatoriamente, lembremos – neste mesmo espaço com um mesmo objetivo: estudar coisas que nós adultos julgamos ser importantes para elas.

Tendo em vista que, como exposto anteriormente, tratam-se de subjetividades diferentes, é inevitável que algumas delas tenham gostos e habilidades distintas umas das outras, mesmo que provenientes de um mesmo bairro ou região. Alguns escrevem, outros pintam, outros falam muito bem, enquanto outros tem a noção de orientação espacial bastante desenvolvida.

Vygotsky (1991), autor fundamental para compreendermos o processo de ensino-aprendizagem, chama estas diferentes subjetividades de *Zonas de Desenvolvimento Proximal*, ou seja, os seres humanos se desenvolvem e à sua subjetividade de acordo com as relações sociais que predominam em seu entorno. Portanto, para que estas crianças desenvolvam o gosto pela ciência e pelo conhecimento, não podemos ignorar nenhuma destas complexidades, mas auxiliar, enquanto mediadores que somos, educandos a desenvolverem suas potencialidades enquanto seres humanos que são, partindo daquilo que lhes é conhecido (conhecimentos espontâneos) para atingir, por fim, os conhecimentos científicos elaborados, nosso objetivo.

Este trabalho exige de nós uma sensibilidade muito grande, uma vez que as universidades não nos preparam devidamente para a atividade docente.

E não nos preparam não porque não querem, mas porque não podem. Se por um lado em tempos de crise a educação básica e superior são os primeiros setores da sociedade brasileira a sofrer com corte de verbas, estrutura, e recursos prejudicando enormemente a formação superior de professores que estarão, futuramente, em salas de aula, não podem nos preparar também porque cada sala de aula é única, cada estudante é único, não existindo receitas prontas para lidarmos com esta ou aquela situação específica. Cabe à universidade nos munir de uma carga epistemológica, sociológica e filosófica para que possamos usar mão de conceitos e categorias mínimos que nos possibilitem rever e transformar constantemente nosso trabalho, que está muito para além dos 50 minutos de uma hora-aula. Para Matte:

A sala de aula como espaço no qual as diferenças e as imprevisibilidades se mostram nas ações cotidianas de cada um. A despeito das normas e regras que, historicamente, tentam esquadrihar, neutralizar, desvitalizar a sala de aula, é nela que lidamos concreta e cotidianamente com o imponderável e o desconhecido. Essa especificidade nos torna, por um lado, vulneráveis, pois o que planejamos em geral se torna parcial ou totalmente inviável. Por outro lado é justamente essa imprevisibilidade que podemos ter um cenário aberto para diferentes possibilidades de ler, aprender, escrever, ensinar, pensar. E para isso é preciso enfrentar os currículos prontos, é preciso duvidar, colocar em questão. Tarefa difícil, pois nossa formação tem dado ênfase e valor a planos seqüenciais, previsíveis e preestabelecidos, e o que vivemos na sala de aula nos pede uma outra coisa. (MATTE, 2012. p. 136)

Em uma avaliação, por exemplo, cada educando imprime em uma folha de papel tudo aquilo que conseguiu desenvolver em um período de aprendizagem. Nesta avaliação, não estão somente letras e números impressos em um pedaço de papel. Pensar assim seria reduzir cada ser humano desta relação a seres inertes e sem expressão própria. Em cada avaliação há um universo a ser desvendado, estão os erros e acertos de nosso trabalho, estão vidas inteiras. Lá, naquela folha de papel, que nem sempre é tão bonita, esta o resumo de nossa relação entre educadores e educandos.

O estudante, no final deste “ciclo”, recebe esta folha com um número,

correspondente ao seu desenvolvimento ou não dentro deste período. Como cada um possui habilidades diferentes, pode ser que nem todos apresentem os resultados necessários para avançarem à próxima etapa: a estes cabe uma recuperação. Tais educandos, na maioria das vezes, não recebem a contrapartida de onde erraram ou acertaram, mas baseiam-se neste número, nesta nota, sua capacidade para fazer qualquer coisa.

É possível que uma estudante que não tenha a habilidade com a escrita devidamente desenvolvida não vá tão bem em uma prova. Pode até ser que tenha compreendido os conceitos trabalhados, mas a dificuldade em expressar-se pela linguagem escrita fez com que atribuíssemos a este indivíduo uma nota ou conceito baixo, seguida de uma bronca de professores, das mães e pais, enfim, de todos envolvidos em seu processo individual de aprendizagem. É aí que está o grande perigo. Esta estudante, frustrada diante de sua suposta incapacidade de aprender, gerada por um trabalho não adequado a suas dificuldades, acaba por sentir-se desestimulada com a aprendizagem, desacreditando de si mesmo e gerando um ciclo crescente do que chamamos “indisciplina”, que é na verdade a rebeldia de educandos com os padrões impostos pelos mais velhos (OLIVEIRA, 2004). Em uma mesma turma, com o passar dos anos, pode tornar-se notável o desinteresse generalizado e a falta de sentido que vêm na escola.

Na música *Jesus Chorou* do grupo de RAP Racionais MC's há um trecho que diz: “*Você sabe o que é frustração? É máquina de fazer vilão.*” Sou obrigado aqui a admitir que nós educadores é que de certa forma produzimos aquilo que chamamos de “maus alunos”. Mas não há porque carregar este fardo sozinhos, há todo um sistema educacional que nos leva a isso. Devido as péssimas remunerações que muitas vezes recebemos, acabamos por trabalhar em duas, três, e até quatro escolas para conseguirmos realizar nossa sobrevivência. O resultado disso é que acabamos por não conseguir dar a devida atenção as particularidades de estudantes que estão em relação

conosco, não desvendando estes milhares de universos que entramos em contato todos os dias e, por consequência de todo este processo, produzindo mais e mais estudantes – e professores – frustrados consigo mesmos.

Ao ter que dar conta de várias turmas, correção de provas e todas as burocracias que a escola contemporânea nos impõe, negligenciamos as dificuldades e os conceitos que não foram devidamente assimilados por alguns educandos. Na verdade, acabamos por “passar o problema pra frente”. A questão é que para desenvolver os novos conceitos, precisamos da base construída pelos conceitos trabalhados anteriormente e, esta mesma educanda que não conseguiu se desenvolver de maneira adequada no ciclo passado não conseguirá, a não ser com um esforço muito grande, obter resultados diferentes no ciclo seguinte. Estamos diante de um abismo, intensificados enormemente se refletirmos sobre os projetos ensino remoto impostos sem debate e formação adequada aos sistemas de ensino básico e superior.

Com os prazos curtos que nos são colocados, as deficiências em nossa formação, enfim, todas as ausências que existem no processo de ensino-aprendizagem, acabamos por nos esquecer de que os espaços de ensino devem ser, antes de tudo, espaços de desenvolvimento humano, onde os potenciais de cada indivíduo são exponencialmente desenvolvidos através das relações deste com todos os outros presentes neste mesmo espaço, conforme demonstrado no tópico anterior. A escola deve ser um espaço onde todos, inclusive os pretensos educadores aprendem e ensinam. O grande problema é que, talvez, estejamos mais preocupados com notas, papéis e burocracias do que com cada um dos seres humanos com os quais estabelecemos este belo vínculo que é ensinar e aprender.

Henri Lefebvre (1969) e Milton Santos (2012) apontam que os espaços e as técnicas podem ser requalificados, resignificados, atendendo sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e ser incorporados plenamente às novas correntes mundiais. A técnica é a cara

geográfica da globalização, e tende a ser universalizante. O que Karl Marx diz em *A Ideologia Alemã (1988)*, quando afirma que a ideologia dominante é a ideologia das classes dominantes, permanece atual em tempos de redes sociais e Ensino à distância. Nenhuma técnica é neutra!

Então como, nesse contexto da globalização, da aceleração das atividades, disseminação de conteúdos remotos em uma velocidade extremamente alta criar um espaço de real comunicação e aprendizado entre os indivíduos? Esta pode aparecer como uma opção importante frente a ideia de humanidade que se impõe a milhares de jovens e adolescentes, adultos e velhos, todos ao mesmo tempo. É necessário recriar a técnica, ou utilizá-la ao nosso favor. Não se trata de acabar com as ferramentas digitais nos ambientes de ensino-aprendizagem, propor isso seria ingênuo e desonesto. Nosso trabalho é inverter o sentido destas armas, e apontá-las em direção aos nossos inimigos, agora no poder.

Bibliografia:

- ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV. *In: A Geografia na Sala de Aula*. Editora Contexto. São Paulo. 2013 p. 135-144.
- APP Sindicato. *Fora Unicesumar: estudantes se rebelam contra a terceirização de cursos técnicos e boicotam EAD*. Curitiba. 14/09/2022. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/fora-unicesumar-estudantes-se-rebelam-contr-a-terceirizacao-de-cursos-tecnicos-e-boicotam-ead/>
- BAITZ, Ricardo; DAMIANI, Amélia Luisa. *Atravessando a Geografia, Marx, Lefebvre e os situacionistas*. Editora Tiragem Livre. São Paulo. 2017.
- DAMIANI, Amélia Luísa. A Geografia e a construção da cidadania. *In: A Geografia na Sala de Aula*. Editora Contexto. São Paulo. 2013 p. 50-61.
- DOMENICI, Thiago. *Faculdades da Laureate substituem professores por robô sem que alunos saibam*. Folha de São Paulo. 02/05/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/05/faculdades-da-laureate-substituem-professores-por-rob-o-sem-que-alunos-saibam.shtml>
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. Paz e Terra. 1983
- LABORATÓRIO DO FUTURO. *O futuro do emprego no Brasil: Estimando o impacto da automação*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://www.cos.ufrj.br/index.php/pt-BR/publicacoes-pesquisa/details/15/2961>

- LOURAU, René. *Él Análisis Institucional*. Amorrutu ediciones. Buenos Aires. 1988
- FARIA, Camila Grassi de Mendes. *O Projeto de formação profissional da Confederação Nacional da Indústria e as políticas públicas de educação profissional: confluências entre o público e o privado na educação brasileira nos anos 2000*. Dissertação de Mestrado defendida no setor de Educação da UFPR. 2014.
- FOUCAULT, M. Conferência I. In: _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. Editora Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Nova Fronteira. São Paulo. 2012.
- G1. *Lucro dos maiores bancos do Brasil cresce 18% em 2019 e soma R\$ 81,5 bilhões*. G1. Economia. 13/12/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/13/lucro-dos-maiores-bancos-do-brasil-cresce-18percent-em-2019-e-soma-r-815-bilhoes.ghtml>
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã* [1845-46]. São Paulo, Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. *O Capital*. L. I. Boitempo. São Paulo. 2013.
- MATTE, Cecília Hanna. Projeto pedagógico: Sentidos e significados para a escola. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza e ALMIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.) *O coordenador pedagógico: Provocações e possibilidades de atuação*. São Paulo. Edições Loyola, 2012.
- MEYER, J.(1986) apud ROSE, Nikolas. *Governando a alma: a formação do eu privado*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Liberdades Reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MONASTA, Atilio. Antônio Gramsci. Editora Massangana. Recife. 2010.
- OLIVEIRA, Maria Lúcia. *A Rebeldia e as tramas da desobediência*. Editora UNESP. São Paulo. 2004.
- PISTRAK, Moisey M. *Ensaio sobre a escola politécnica*. Expressão Popular. São Paulo. 2015.
- REINO, Guilbert; VAZ, Luiza. *Em queda, bancas de jornal adotam visual alternativo e viram até cafeteria*. em SP. G1. São Paulo. 29/09/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/29/em-queda-bancas-de-jornal-adotam-visual-alternativo-e-viram-ate-cafeteria-em-sp.ghtml>
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*, EDUSP, São Paulo, 2012.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *A Insurreição do Uso*. In: MARTINS, José de Souza. *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. Hucitec. São Paulo. 1996. p. 76-86.
- SERPA, Angelo. *Lugar e Mídia*, Editoria Contexto, São Paulo 2011.
- SCHILER, Dan. *Geopolítica da Espionagem*. In: *Le monde Diplomatique*. Ano 8, Num. 88. Novembro de 2014. p. 22-24.
- VYGOSTKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. Martins Fontes. 1991